

DA AUTORA DOS FENÔMENOS INTERNACIONAIS
A CANÇÃO DE AQUILES E CIRCE

M
E
S
T
R
A

UM CONTO

MADELINE MILLER

 Planeta minotauro

DA AUTORA DOS FENÔMENOS INTERNACIONAIS
A CANÇÃO DE AQUILES E CIRCE

M

E

S

T

R

A

UM CONTO

MADELINE MILLER



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Madeline Miller, 2026

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright da tradução © Isadora Prospero, 2026

Todos os direitos reservados.

Título original: *Mestra*

Preparação: Wélida Muniz

Revisão: Renato Ritto e Gleice Couto

Projeto gráfico e diagramação: Renata Zucchini

Ilustrações de miolo: AngrySun – Magnific.com / artmbi – Magnific.com

Capa: David Mann

Adaptação de capa: Sandra Fava

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Miller, Madeline

Mestra / Madeline Miller ; tradução de Isadora Prospero. – São Paulo :
Planeta do Brasil, 2026.

80 p.

ISBN 978-85-422-4412-0

Título original: Mestra

1. Ficção norte-americana 2. Mitologia grega I. Título II. Prospero, Isadora

26-3707

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas.

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

○ homem falou que era mercador.
Ouvira falar do infortúnio do
meu pai e disse que podia me
tirar das mãos dele, contanto que eu se-
guisse as ordens que me desse.

— Ela vai seguir — disse meu pai.

— Ela tem quinze anos? É virgem?

Meu pai se empertigou, pois ainda era
rei, por mais pobre que tivesse se tornado.

— É claro.

Então me vendeu ao homem por sete
frangos assados. Originalmente, o acordo

era para dez frangos, mas o homem era astuto e, quando voltou àquela tarde, trouxe-os quentes num cesto, e o aroma preencheu o salão. Pude ouvir meu pai quebrando os ossos enquanto o homem me levava, ainda de véu. Não haveria um casamento formal porque meu pai não tinha dinheiro para isso. E eu não era bem uma esposa, no fim das contas. O véu era só um pedaço de um vestido velho tão desgastado que se tornara translúcido. O homem agarrou meu braço na saída do palácio como se achasse que eu fosse fugir. Mas eu estava quase tão faminta quanto meu pai, e doente de tristeza por nós dois.

— Por favor, pai — implorei. — Deixe-me ficar e ajudá-lo.

Ele fez um aceno brusco com a cabeça. *Não.*

— Esse é o melhor jeito de me ajudar.

A carroça do homem estava vazia e lascada na parte de trás. O cavalo tinha cicatrizes no garrote e o casco traseiro fendido. O homem me empurrou para o assento. Sete frangos, disse ele para mim. É bom que você valha a pena.

Mesmo através do véu eu conseguia sentir aquele hálito. Vira pelo menos um dente enegrecido. Ele tinha a mesma altura do meu pai, mas, claro, era mais robusto. Eu não sabia onde o homem morava, nem se seguiríamos por um quilômetro ou cem.

A carroça avançou sacolejando pela estrada empoeirada. Passamos pelos penhascos cinzentos sobre o mar e seguimos pelo caminho que descia até a pequena praia. Eu amava aquele lugar desde criança. Depois que a desventura

de meu pai teve início, depois que todos os animais foram comidos e que todo o tesouro foi vendido, e que os criados fugiram, meu conforto era me sentar ali e observar a água. As ondas pareciam a única coisa em nossa vida que não tinha mudado. Às vezes, pescadores ancoravam na praia, e eu implorava peixes para levar a meu pai.

Tinha ido uma tarde, três meses antes. Era minha hora do dia preferida, quando o sol deixava o mar dourado. Foi lá que o deus me encontrou. Ele se ergueu das ondas e tomou-me com as duas mãos.

Depois, assomou sobre mim, vasto e brilhante, segurando seu tridente. Eu estava com o lábio sangrando de tanto morder e o corpo repleto de hematomas. Quando ele me segurou, tive um momento

de tolice e tentei resistir. Mas não se pode lutar contra um deus.

— Logo você terá uma criança que a fará feliz — disse ele.

Era bonito, é claro, o cabelo áspero de sal, a barba espumando até o peito. Perguntei-me quantas garotas ele encontrara, em quantas praias. Perguntei-me quantas delas haviam murmurado o que eu murmurei. *É uma honra, divindade.*

Ele voltou às ondas, e eu fui para casa mancando. Minha pele tinha ficado roxa onde ele me segurara, e meu lábio, marcado por um mês, mas não restava ninguém para ver exceto meu pai, que, em seu tormento, não notou. Fiquei grata por isso; pelo menos ele foi poupado de mais uma infelicidade. E, apesar do que o deus dissera, seu germe salgado não brotou em mim, no fim das contas. Minhas regras

tinham sumido havia meses, desde que nossos estoques acabaram.

Então eu não era virgem. Não sei o que mais temia: o modo como aquele homem descobriria ou o que poderia fazer quando descobrisse. Pela primeira vez, desejei estar carregando o filho do deus para que ele me ajudasse. Já tínhamos passado pela praia, mas, de repente, ao pensar nisso, estendi as mãos.

— Agitador da terra — sussurrei. — Poseidon. Salve aquela que o agradou. Pois este homem vai me matar quando descobrir que não sou quem ele acha, e então meu pai ficará sozinho. Por ele, ajude-me.

— Pare de resmungar — falou o homem.

— Estou rezando — disse a ele. — Poseidon me concedeu seu favor.

O homem riu, um som molhado como ossos de frango sendo quebrados.

— Se é isso que significa ter o favor dele, você precisa de um novo benfeitor.

Fiquei feliz pelo véu entre nós, por mais translúcido que fosse. Meu peito estava frio e cheio de pedras. Era verdade. Ninguém viria ajudar. Meu pai morreria sozinho e eu seria engolida por aquele homem com sua boca podre.

Eu devia ter cortado meu rosto, pensei. Devia ter agido feito louca ou idiota. Mas isso não teria mudado nada. Assim como a carroça e o cavalo, aquele homem não se importava em usar coisas quebradas.

Aquela altura, eu estava inteira gelada, tremendo mesmo sob o sol. Minha pele parecia um casaco que eu vestira.

O homem parou a carroça para se aliviar. O terreno ao redor era plano e seco, coberto com pedras. Eu me atrapalhei

para tirar o véu. Quase não sentia os dedos, de tão inchados, e minha garganta estava entupida de poeira.

— Ei! O que está fazendo?

— Não consigo respirar — respondi.

Minha voz saiu áspera e embargada. Achei que iria desmaiar de tontura. Levei a mão ao rosto e soltei um gritinho. Tinha algo ali, peludo e áspero. Puxei e gritei de novo, pois estava grudado na minha bochecha e doía.

O homem gritava, mas eu não conseguia ouvir o que ele dizia. Olhei para a minha outra mão. Tinha o dobro do seu tamanho normal, com pelos pretos nos dedos. Fitei meu colo. Meu vestido tinha sumido. Em seu lugar havia uma túnica e grandes joelhos arranhados, que também estavam peludos.



UM PAI AMALDIÇOADO. UMA FILHA EXTRAORDINÁRIA.

Mestra, filha do rei da Tessália, recebe de Poseidon um dom singular: a capacidade de se transformar em qualquer ser que consiga imaginar. Seu pai, porém, carrega uma maldição. Como punição por desrespeitar a deusa Deméter, ele é consumido por uma fome voraz e insaciável. Devotada, Mestra decide usar seu dom para ajudar o pai. Mas, se sua fome não tem fim, até onde ele será capaz de ir à custa da filha? Em breve, ela precisará escolher: continuará sacrificando tudo para mantê-lo vivo ou encontrará, enfim, uma forma de se libertar?

Uma narrativa preciosa sobre as fragilidades humanas, *Mestra* reafirma Madeline Miller como a grande sacerdotisa da mitologia.

 Planeta



9 788542 244120

